

1

Introdução

Esta pesquisa empreende um diálogo entre as áreas das ciências da saúde, mais precisamente a fonoaudiologia, e das ciências humanas, especificamente, a linguística. Tal diálogo foi possível devido à existência de um objeto de estudo comum às duas áreas, que constitui o cerne do estudo realizado – a linguagem – que é aqui entendida como “um sistema simbólico social e culturalmente construído, usado de forma que reflete significados sociais em um nível macro (identidade do grupo, diferenças de status) e cria significados sociais em um nível micro (i.e., o que alguém está dizendo e fazendo em um dado momento no tempo)” (Schiffrin, 1994; p.102). Assim considerando, esta pesquisa assume o lugar daqueles que buscam investigar a linguagem não como um sistema de representação do que está na mente do indivíduo ou na realidade, mas sim como práxis discursiva/ ação social. A partir desse modo de abordar a linguagem, os sentidos são concebidos como co-construídos pelos participantes, sendo, portanto, emergentes em interações sociais, o que, por sua vez, implica assumir a visão dos antropólogos linguistas de que a linguagem se encontra inextricavelmente incorporada nas relações sociais, de modo que, ao tratar linguagem, cultura e sociedade como mutuamente constituídas, não há como se furtar da responsabilidade de estudar como o discurso tanto formata como é formatado por fatores sociais e dinâmicas de poder (Urban, 1991).

Diante da diversificada gama de contextos linguísticos (em termos de atividade discursiva) que propiciam um olhar para a linguagem enquanto práxis, esta pesquisa elegeu a narrativa (e a prática discursiva de narrar) como o cenário das investigações aqui empreendidas, alinhando-se à visão de que estudar narrativas é uma forma de compreender o outro e o mundo que nos cerca através do discurso narrativo co-construído. Desse modo, estamos concebendo a narrativa como uma prática social, uma atividade histórica e culturalmente situada na atividade de narrar (Bastos, 2004), e sustentando que, ao narrar, o narrador não apenas transmite o sentido de *self*, mas também constrói relações com os outros e com o mundo que o cerca (Bruner, 1990; Bastos, 2005).

Já no que diz respeito ao campo da fonoaudiologia, esta pesquisa se vale dos saberes dessa área acerca da patologia apresentada pelas participantes do estudo – a afasia –, o que acreditamos tornar os dados de fala analisados não tão exóticos (ou um pouco mais familiar) e possibilitar argumentações consistentes daquilo que está sendo observado. Ao menos, essa é a razão de ser da interface que subjaz às investigações aqui realizadas: a possibilidade de alinhar saberes advindos da fonoaudiologia e da linguística na construção da singularidade desta pesquisa.

Estudos seminais acerca das afasias (Goldstein, 1939 e 1948; Jackson, 1931) espriam a visão de que o comportamento linguístico de pessoas com afasia pode ser visto, no mínimo em parte, como uma manifestação da adaptação aos efeitos da lesão subjacente, ao invés de simplesmente ser uma reflexão direta dessa lesão. Esta pesquisa se alinha a esse modo de conceber as manifestações linguístico-discursivas de pessoas com afasia, apostando na capacidade dessas pessoas de lidar com (usar) a linguagem, de modo habilidoso, mediante o comprometimento linguístico que lhes foi imposto. Uma vez que nosso olhar se volta para aquilo que pessoas com afasia conseguem realizar por meio da linguagem, ao invés de para aquilo que elas não conseguem fazer, isto é, para os déficits, não se faz relevante aqui uma caracterização das dificuldades linguísticas e uma posterior tipificação (classificação) da afasia apresentada pelas participantes, como é praxe nas pesquisas sobre afasia.

Devido ao fato de a afasia, no campo da linguística, ser amplamente concebida como “uma manifestação que escapa às teorias linguísticas tradicionais, porque fere a norma, abala a gramaticalidade, perturba padrões estruturais e funcionais” (Jakobson, 1975), nos estudos sobre narrativas de pessoas com afasia, costumamos ver contempladas categorias linguístico-gramaticais (cf. Adreetta, Cantagallo e Marini, 2012; Goodglass *et al*, 1993; Ulatowska *et al*, 1983), a partir de um prisma que entende a linguagem como um conjunto de estruturas formais, que podem ser compreendidas isoladas do contexto das interações sociais. Todavia, a proposta desta pesquisa, como já apresentado, consiste em assumir a concepção de linguagem segundo a qual a linguagem é uma forma de ação social, um recurso cultural e um conjunto de práticas socioculturais (cf. Schieffelin, 1990), de modo que os indivíduos realizam ações por meio da fala (cf. Austin, 1962; Searle, 1969) no engajamento em práxis discursivas.

Tendo em conta que, atualmente, podemos contar com estudos de narrativas de pessoas com afasia que vêm agregando um olhar discursivo a dados de fala (cf. Pacheco, 2012; Pacheco e Pinto, 2010; Brandão e Pinto, 2008), a singularidade desta pesquisa, então, é desenhada por meio da sua inserção teórico-metodológica no quadro da Análise de Narrativas (cf. Riessman, 1993; 2008), bem como do seu objetivo. Ao lançarmos nosso olhar analítico para as narrativas das participantes, interessa-nos investigar a *performance* de pessoas com afasia, ao atuarem como narradores e se engajarem ativamente em construções discursivas (de sentido, princípios, valores, identidades, etc.) no curso da narração de suas histórias dos Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC) que ocasionaram as afasias.

Assim sendo, esta pesquisa de natureza qualitativa (construcionista e interpretativista) tem por objetivo buscar compreender 1) *a construção colaborativa (e interacional) da narrativa* e 2) *as construções discursivas das narradoras (pessoas com afasia) no curso da narração*. Para tanto, foram levantadas as seguintes perguntas de pesquisa que irão nortear as investigações aqui empreendidas:

1. *Como se dá a construção colaborativa (e interacional) das narrativas?*
 - 1.1 *Como ocorre o trabalho interacional de encaixe das narrativas na atividade discursiva em curso?*
 - 1.2 *Quais as ações realizadas pelas co-narradoras que colaboram na construção das narrativas?*
 - 1.3 *Como a linearidade das narrativas é estruturada?*
 - 1.4 *Quais recursos são utilizados pelas narradoras para construção da historiabilidade das narrativas?*

2. *Como as narradoras (pessoas com afasia) se constroem discursivamente, constroem o outro e as realidades que as cercam, diante (através) dos episódios de AVC por elas narrados?*

Nossa pretensão é que tais perguntas, cujas respostas serão orientadas pelas categorias analíticas propostas por Ochs e Capps (2001) – *narração, historiabilidade, encaixe, linearidade e postura moral* -, guiem o entendimento

acerca da *performance* de pessoas com afasia na construção de narrativas em situações interacionais. A escolha dessas categorias aponta para um alinhamento à concepção de narrativa como uma construção social, cultural e interacional, visto que possibilitam uma análise que ultrapassa aspectos estruturais, ao mesmo tempo em que não se atém apenas a questões interacionais, tornando relevantes, também, aspectos socioculturais.

A motivação em olhar para o discurso de pessoas com afasias a partir de um prisma discursivo-interacional foi despertada durante a minha pesquisa de mestrado, cujo interesse se voltava para questões referentes à co-construção de identidades em interações em grupo, partindo da hipótese de que afasia seria um atributo bastante relevante para a negociação de identidades, dada as limitações linguísticas que essa patologia impõe ao discurso daqueles por ela acometidos.

Na ocasião da minha pesquisa de mestrado, utilizando um *corpus*, que também é utilizado nesta pesquisa, construído ao longo de um semestre e composto de gravações em vídeo de interações face a face de um grupo focal constituído de pessoas com e sem afasia, identifiquei peculiaridades nas construções identitárias operantes no contexto interacional. Muitas dessas diziam respeito não apenas às posturas e condutas conversacionais assumidas por pessoas com afasia, mas também àquelas assumidas por pessoas que não apresentavam afasia e que, de um modo bem particular, orientavam-se para as exigências a serem atendidas para que a comunicação se desse de forma efetiva. Esse olhar que se voltava para a cooperação e colaboração entre os parceiros interacionais sustentava o tratamento da identidade como fenômeno co-contruído, o que será mantido nesta pesquisa de doutorado, que encontra na visão de narrativa acima apresentada razões para contemplar as construções identitárias que saltam aos dados.

No capítulo 1, inicio uma explanação que irá compor o quadro teórico desta pesquisa, apresentando o modelo laboviano canônico como uma proposta de estudo de narrativas orais que carece de complementações. Conforme será elucidado, os *gaps* do modelo laboviano são claramente percebidos quando se propõe a assumir uma visão de narrativa como uma construção conjunta de múltiplos narradores, ao invés de uma visão de narrativa como uma produção de autoria apenas do entrevistado. Portanto, algumas reflexões críticas são traçadas

nesse capítulo, a fim de elucidar até onde os estudos labovianos contribuem para esta pesquisa.

Traçados os limites da colaboração laboviana para esta pesquisa, no capítulo 2, abordo estudos de narrativa, que trazem complementações aos estudos de Labov, aos quais buscamos nos alinhar, iniciando com uma contextualização histórica dos estudos narrativos, prosseguindo com uma contextualização epistemológica e finalizando com a apresentação da visão de narrativa aqui assumida (narrativa como construção social, cultural e interacional). Nesse capítulo, então, é esboçada uma interface entre os estudos canônicos, culturais e interacionais de narrativas orais na constituição do pano de fundo das análises realizadas.

Tendo em conta que a narrativa é o material linguístico-discursivo analisado e que a *performance* é o fenômeno de investigação, o capítulo 3 é o espaço reservado para tratar das diferentes visões de *performance*, iluminando a posição aqui assumida no tratamento desse fenômeno. Em um primeiro momento, verso sobre identidades, trazendo diferentes visões que (em conjunto) compõem a perspectiva aqui assumida, sobretudo o trabalho de Elinor Ochs, que provê um aparato para estudo da identidade e possibilita fazer uma costura desse constructo com *performance* e narrativa. Em um momento posterior, trago as contribuições de Erving Goffman, e, em seguida, as contribuições de Richard Bauman, para uma posterior articulação das visões de *performance* de ambos, uma vez que é tarefa desta pesquisa lidar com tal articulação. Também nesse capítulo, por fim, disserto sobre a interface entre narrativa, identidade e *performance* - a tão abordada tríade, cara aos estudos de narrativas orais.

A última parte que se dedica à fundamentação teórica desta pesquisa é o capítulo 4, onde disserto sobre afasia e pessoas com afasia. Nesse capítulo, a opção assumida foi por definir brevemente afasia, a partir de uma visão discursiva, sem apresentar os diferentes tipos dessa patologia, o que se justifica pela perspectiva linguística a qual esta pesquisa se alinha, que ao invés de possibilitar uma tipificação da patologia por meio da análise de déficits no sistema linguístico (i.e. na estrutura da língua), fornece fundamentos para o entendimento das construções discursivas de pessoas que a apresenta. Por meio das explicações desse capítulo, o leitor irá perceber que o interesse desta pesquisa se volta para aquilo que as pessoas com afasia conseguem fazer com (e através de) a

linguagem, e não para suas limitações/déficits. Portanto, esse capítulo é destinado a falar de pessoas com afasia, ao invés de afasia, propriamente dita, situando o leitor no contexto das pesquisas contemporâneas (em âmbito nacional e internacional) em afasia, em afasia e linguística, bem como em afasia, linguística e narrativa.

Após finalizar a apresentação do instrumental teórico ao leitor, no capítulo 5, tomando posse do modo qualitativo de fazer ciência, introduzo os passos do instrumental metodológico com o qual elegemos lidar, versando, primeiramente, sobre pesquisa qualitativa, e, posteriormente, sobre o método de geração dos dados desta pesquisa e o método de análise narrativa aqui utilizado, perpassando os níveis de experientialização do mundo, narração, transcrição, análise propriamente dita e leitura, trazendo ao conhecimento do leitor as categorias de análise e as perguntas de pesquisa, as quais serão posteriormente respondidas. Por fim, é feita uma apresentação das participantes desta pesquisa, cujas narrativas serão analisadas no próximo capítulo – o capítulo 6.

No capítulo 6, são trazidas à investigação as três narrativas de AVC, de três mulheres que apresentam afasia, que compõem o material de análise desta pesquisa. A opção por eleger apenas três narrativas de um *corpus* que se aproxima de quinze horas de gravações se justifica pela proposta de uma análise aprofundada e pormenorizada do turno a turno da narração, que não permita escapar nenhum aspecto relevante a uma pesquisa que abarca questões interacionais e socioculturais na análise de narrativa. As análises serão organizadas por meio das perguntas de pesquisa, que serão apresentadas e respondidas sucessiva e paulatinamente no curso das análises.

Na finalização desta tese, no capítulo 7, apresento os resultados das investigações, de forma sucinta, e as contribuições desta pesquisa para ambas as faces da interface que sustenta o estudo aqui desenvolvido e as investigações aqui empreendidas – a Fonoaudiologia e a Linguística, com a intenção de agregar conhecimentos que possibilitem, mesmo que sutilmente, um avançar dos estudos linguístico-discursivos e um olhar mais humanizado para pessoas com afasia, sobretudo, da parte dos fonoaudiólogos, a fim de buscarem conceber essas pessoas não como um objeto de intervenção (passivo, que recebe e cumpre ordens), mas sim como um sujeito ativamente engajado no processo de reconstrução da sua linguagem.